



Desconfiança e protecionismo: faces da mesma crise

POR **VANDERLEI SOELA**

Em todo o mundo, vive-se hoje uma sensação de esfriamento nas relações, especialmente na economia e nos negócios. Ao mesmo tempo em que experimentam crescimento e desenvolvimento sem precedentes, os países são sacudidos por uma onda de desconfiança aterradora, que interfere nas relações comerciais, políticas e humanas. Cresce, igualmente, um movimento de protecionismo. Na verdade, um problema é consequência inevitável do outro.

O que mais se ouve dizer sobre essa profunda e abrangente crise, é que ela está fundamentada na perda da confiança. A lógica é simples: a falta de confiança gera retraimento, que faz surgir condicionantes de sobrevivência. Enquanto a confiança estava presente, o crédito era farto e longo – agora, está curto e quase desaparecendo. Mesmo existindo, o dinheiro não circula e a liquidez diminui. Entra-se, então, num compasso de espera aparentemente interminável.

Tal dinâmica é peculiar do processo de formação e desenvolvimento do ser humano. O “tornar-se humano” começa com a decisiva experiência da confiança ou desconfiança. Nos primeiros meses de vida, a criança depende totalmente de quem cuida dela – especialmente os pais. Sentindo-se acolhida, desejada e cuidada, desenvolve um sentido de segurança, abrigo e proteção. Entra, assim, na esfera da confiança, espécie de plataforma para um estágio mais fecundo, em que será capaz de dar e encontrar sentido para toda sua vida. Por outro lado, quando experimenta o abandono, descuido e desinteresse, a criança desenvolve medo, insegurança e desconfiança. Diante disso, precisa criar mecanismos de defesa e de ajustes para sua sobrevivência.

Na vida adulta, muitas dessas experiências são revividas e reeditadas. No caso da desconfiança, o mundo torna-se ameaçador e as alternativas possíveis são: isolamento, timidez, falta de iniciativa e inércia. O indivíduo desenvolve sérias dificuldades para estabelecer relacionamentos saudáveis e duradouros, pois já não confia em si mesmo ou nos outros. Tem medo do diferente, da novidade e de surpresas. O resultado

tende a ser a involução e o retraimento. Ocorre, assim, uma perda de potencial e de energias vitais, que leva à busca de compensações, por vezes em forma de autodestruição.

Fenômeno semelhante acontece entre os países. Quando já se sentiam confortáveis com o crescimento, o sucesso e extraordinários resultados foram sacudidos pelos acontecimentos – e hoje a humanidade se sente desprotegida, sem rumo ou previsões seguras. A onda de desconfiança invade todos os ambientes, públicos e privados, institucionais e pessoais. E quando a confiança é rompida, leva-se muito tempo para reconstruí-la – em certos casos, nunca mais se recupera. No entanto, é possível reorientar as energias para outro objetivo ou direção.

Em momentos de extrema falta de confiança nas relações comerciais a saída mais comum é o protecionismo. É o que ocorre atualmente entre nações e blocos econômicos. Não confiando em ninguém, cada país tenta mostrar a si mesmo que ali é o melhor lugar para investir, fazer circular o dinheiro e manter a economia aquecida. A opção pela auto-suficiência é tentadora. O senso de interdependência se dilui e a tendência ao fechamento é quase inevitável. Mas essa é uma atitude perigosa, pois o planeta funciona como uma rede e toda tentativa de levantar barreiras e estabelecer fronteiras fere as relações em todos os níveis.

É urgente, portanto, restaurar a confiança. Apesar de ser um grande desafio, não resta outra saída. No mundo corporativo isso se faz adotando posturas novas e coerentes, capazes de tocar a sensibilidade das pessoas e de mobilizar as melhores energias, em busca de resultados sustentáveis. Isso supõe menos burocracia e mais cuidado com os processos, especialmente no controle responsável das operações financeiras. Requer ainda atenção aos propósitos e valores da instituição, bem como maior valorização do conhecimento e da criatividade, próprios do capital humano presente nas organizações.

VANDERLEI SOELA é coordenador técnico do Programa PAEX e professor da Fundação Dom Cabral. Psicólogo e Pedagogo, é mestre em Aconselhamento Psicológico.